

Uma entrevista com o architecto
Lucio Costa novo
Director da Escola Nacional de Bellas
Artes

"O Globo" no intuito de bem
informar os seus leitores, proce-
deu ouvir a palavra do novo
director da Escola Nacional de
Bellas Artes.

A nomeacao do Sr. Lucio
Costa cresce de interesse por
isso que e' a primeira vez que
um architecto occupa no Bra-
sil um cargo administrativo
de tal importancia.

A Escola Nacional de
Bellas Artes de alguns annos
a esta parte tem experimentado
do um phenomeno sobrena-
tural importante para a sua
disciplina pedagogica. Trata-se
de um augmento notavel do
numero de alumnos de archite-
ta relativamente aos de pintura.

esculptura e gravura, artes
essas cujo ensino se faz
naquelle estabelecimento.

Procurando attender ás
necessidades presentes dos
alunos de architectura,
Sr. Ministro da Educaçao
aproveitando o ensejo'de
diminuir ^{pedida pelo} ~~o~~ ^{alios} ~~o~~ prof. Correa Lou
que fez uma administracão
discreta e productiva, nome
um architecto, sem duvida
notavel, para aquelle elevado
cargo.

Essa a causa do
~~minha~~ ~~alguma~~ ~~maneira~~
nosso desejo de combater
as normas de administracão
do ~~III~~ architecto Lucio Co
ta.

Dirigim-nos á Escola
Nacional de Bellas Artes.

O sumptuoso palacio em
que funciona aquella casa
de ensino artistico tem presen
temente as suas extensas galerias

4
um funcionário a quem
falámos uma hora de espera
e eis que surge o novo
director.

Lucio nos permitte que
tiveremos a primazia na
saudeas. Com ~~na~~^a affabilidade
de extrinamente sympathis-
te, que constitue um dos tra-
dominantes na sua personalida-
de, veio ao nosso encontro e
com um cordial abraço
indicou o motivo da nossa
~~entrevista~~ visita.

— Lucio, em primeiros lo-
gar "O Globo" quer felicitá-lo
e em segundo transmittir
aos seus leitores as suas
palavras com relação ao
cargo - para o qual ^{o governo} ~~o~~ ^o ~~nosso~~
~~nos~~ escolheu.

— Nesse momento por fa-
vor enquanto attendo a estas
senhoras.

Esperámo-lo a cinco ante-
te, de relógio na mão, fazendo

votos para que as suas inten-
ções fossem mais se demorassem

Felizmente pequena foi a
espera e il-o disposto a ^{atender} ~~atender~~
~~as suas palavras~~

— Voce não acha um por-
cedo?

— Não, porque o que v.
dissu ao "Globo," não terá a
força de um programma.
Será apenas um resumo
das suas intenções:

Imperturbabel emitindo
suavemente as palavras elle
objectou:

— Necessito de alguns
dias para recompor e coordi-
nar ~~as minhas~~ os meus pro-
jectos.

— Mas, pouca coisa v.
diz, como recusa a nomeação,
se a escola necessita de uma reforma
no ensino e neste caso como
ficaria o curso de architectura
alguma crise sobre a necessidade
de da creação de uma cadeira

para o ensino da História da Arte Brasileira...

Interrompendo-nos com um sorriso nos lábios emoldurados por um pequeno e bem feito bigode elle pôz :
 — Mas ali está tudo, é um verdadeiro programma ou mais uma armadilha...

Fezha paciencia volte sexta-feira que eu lhe direi alguma coisa, mas gosto de prometter sem cumprir.

Depedimo-nos entristecidos mas não perdemos a esperança de melhor sorte na sexta-feira (que dia!).

— . —

Sexta-feira. Duas horas da tarde. Uma espera menor do que a primeira. Lucio Costa que entra.

— Boa tarde Lúcio; entã
estamos exigindo o cum
primento da promessa.

— Não, não esqueci, v
mos a ella. O que é que v
quer que eu diga.

— Suas impressões con
relaçãõs a' Escola e o seu
programma, isto é, as su
intencões.

— Embora julgue ^{imprevisão} ~~imprevisão~~
~~essa~~ uma reforma em toda
Escola, alias como é pens
mento do governo, vamos
falar um pouco sobre as
necessidades do Curso de
Architectura.

“Scho que o curso d
architectura necessita m
transformação radical. Não
so' o curso em si, mas o
programma das respecti
cadeiras e, principalmente
a orientação geral do ensi
no.

A actual é absolutamen
te fallha.

A divergencia entre a
architectura e a estrutu
a construcções propriam
te dize tem tomado propor
ções simplesmente alarman
tes.

Com toda a certeza

épocas as formas estruturais
e estruturais se identificam.

Nos verdadeiros estylos
arquitetura e construção
coincidem. E quanto mais
perfeita a coincidência
mais puro o estylo.

O Partenon, Peristilo,
S.ª Sophia, tudo construído
tudo honesto, as columnas
supportam, os arcos traba-
lham.

Nada mais.

Nós fazemos exatamente
o contrario. Se a estrutura
pede cinco a architectura exi-
ge cinquenta.

Procedemos da seguinte
maneira, feito o arcabouço
simples real em concreto
armado, tratar de esconder
por todos os meios e modos.
Simulam-se arcos e contra-
fortes, penduram-se colun-
nas, atarracham-se vigas
de madeira ás lajes de con-
creto.

Pedra fica muito cara?
Não tem importancia, o po-
der da pedra aparelhado com
as regras de estereotomia,
resolve o problema.

Fazemos scenographia
estylis. archivoltoes, etc.

ra mais, miniaturas de castellos medievales, folhos coloniales, tudo, num architectura."

E traçando em poucas palavras um verdadeiro programma elle assim fallou:

"A reforma ~~da~~ ~~Escola~~ visará apparellhar a Escola de um curso tecnico-scientifico tanto quanto possivel perfeito, e orientar o ensino artistico no sentido de uma perfeita harmonia com a architectura. Os classicos serao estudados como disciplina; os estylos como orientacao critica e mais para applicacoes directas."

— E quanto ao chama do "colonial brasileiro"? Haverá necessidade de que se o estude no curso de Architectura?

— Soho indispensavel que os nossos architectos deixem a Escola embreendo perfeitamente a nossa architectura da epocha colonial — mas com o intuito da transposicao ridicula dos seus motivos, mas de uma

de jacarandá (os verdadeiros
são lindos) — mas
de apreender as boas
lições que ella nos dá de
simplicidade perfeita,
adaptação ao meio e á
funções, e conseqüente
belleza.

— E quanto as outras
artes?

— O mal não é menor.
O "Salon" por exemplo —
que exprime sobejamen-
te o nosso grau de cultura
artística — diz bem do
que precisamos.

"De anno para anno
têm-se as impressões que
as telas são sempre as mes-
mas, as mesmas estatuas,
os modelos, apenas a col-
locação ligeiramente varia.

Apesar do abuso da cor
(tôr colorido gritante, julgam-
muito se ser moderno) sentem-
se uma absoluta falta
de vida, tanto interior como
exterior, uma impressão
immediavel de sachitismo,
inaniçao.

O alheamento em
que vive a grande maio-
ria dos nossos artistas,

de apprehender as boas
lições - que ella nos dá de
simplicidade perfeita,
adaptações ao meio e a
funções, e conseqüente
belleza.

— E quanto as outras
artes?

— O mal não é menor.
O "Salon" por exemplo —
que exprime sobejamen-
te o ~~nosso~~ grau de cultura
artística — diz bem do
que precisamos.

"De anno para anno
têm-se a impressões que
as telas são sempre as mes-
mas, as mesmas estatuas,
os modelos, apenas a col-
locação ligeiramente varia.

Apesar do abuso da cor
(tôr colorido gritante, fulguran-
ças e se modernos) sentem-
se uma absoluta falta
de vida, tanto interior como
exterior, uma impressão
immediavel de sachitismo,
inaniçães.

O alheamento em
que vive a grande maio-
ria dos nossos artistas,
a tudo o que se passa no
mundo, é de pasmar.

tem-se a impressão
que vivemos em qualquer
ilha perdida no Pacífico,
as nossas ultimas crea-
ções, correspondem ainda
as as primeiras tentativas
do impressionismo.

Todo esse movimento
criador e purificador
post-impressionista de
Cézanne para cá é des-
conhecido e renegado sob
o rotulo ridiculo de futu-
rismos.

É preciso que os nos-
sos pintores esculptores
e architectos procurem
governar sem "parti-pris".
Todo esse movimento
que já vem de longe,
compreender o movimen-
to profundamente sério que
vivemos e que se encarsa
a phase primitiva de
uma grande era.

O importante é pen-
trar-lhe o espirito, o verda-
deiro sentido, e nada
forçar. Que venha de den-
tro para fora e não de fora
para dentro, pois o falso
modernismo é mil vezes
peor que todos academi-
smos.

Senão já dissesa muita coisa interessante para o publico e para os seus admiradores que são muitos.
